

Leif Ove Andsnes



15 nov 22

15 nov 22 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Leif Ove Andsnes Piano

Alexander Vustin

Lamento

c. 4 min.

Leoš Janáček

Sonata para Piano 1.X.1905

c. 13 min.

Valentin Silvestrov

Bagatela op. 1 n.º 3

c. 5 min.

Ludwig van Beethoven

Sonata para Piano n.º 31,
em Lá bemol maior, op. 110

c. 23 min.

INTERVALO

Antonín Dvořák

Impressões poéticas, op. 85

c. 54 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h

INTERVALO DE 20 MIN.

Acerca do programa

Abro o meu programa com a Sonata para Piano 1.X.1905, “Na rua”, de Leoš Janáček. Para além de prestar homenagem a um trabalhador que foi morto numa manifestação a 1 de outubro de 1905, esta sonata ainda é, nos dias de hoje, terrivelmente relevante. No momento em que escrevo estas palavras, nos últimos dias de setembro de 2022, jovens manifestantes iranianos estão a ser mortos nas ruas de Teerão enquanto russos corajosos saem às ruas para exprimir a sua resistência à guerra devastadora que ameaça as suas vidas. A sonata de Janáček está repleta da raiva e da tristeza que sentimos quando somos confrontados com a guerra sem sentido na Ucrânia. Como um epílogo, vou tocar em seguida uma das *Bagatelas* do compositor ucraniano Valentin Silvestrov. As *Bagatelas* são fragmentos que parecem evocar memórias de tempos passados, ou talvez esperanças de algo melhor.

Em 2019 convidei o compositor Alexander Vustin, na altura com 70 anos, para o Festival de Música de Câmara de Rosendal, na Noruega. Foi apenas a segunda vez que saiu da Rússia e estava claramente marcado pelos muitos anos que aí viveu sob um regime opressivo. Foi para mim muito comovente não só conhecê-lo pessoalmente, bem como à sua música, mas também poder observá-lo a ouvir, com todo o seu ser, as interpretações da música de Chostakovitch no festival.

Mais tarde, entristeceu-me profundamente saber que Vustin morreu, vítima da primeira vaga de infeções por Covid-19, em abril de 2020, em Moscovo.

O *Lamento* de Vustin antecipa a “Canção de Lamento” (*Klagender Gesang*) na Sonata para Piano n.º 31, op. 110, de Beethoven. Profunda ária operática, a canção representa o coração desta sonata compacta, na qual Beethoven justapõe a “arte erudita” das árias e fugas do último andamento com a “arte ligeira” das canções folclóricas infantis do *scherzo*.

A temática do erudito e do ligeiro atravessa também as 13 peças programáticas das *Impressões poéticas*, op. 85, de Dvořák. Curtos contos poéticos como “Caminho Noturno” e “O Velho Castelo” coexistem com a trivialidade de “Brincando” ou “Cavaqueira”. Há intimidade em “Recordação”, drama em “No Túmulo do Herói”, virtuosismo selvagem em “Bacanal” e uma “Serenata” que evolui para a mais comovente das canções de amor. Durante a pandemia tive a possibilidade de, finalmente, poder estudar este ciclo estranhamente negligenciado. Tem sido uma descoberta maravilhosa por ser uma música de afirmação de vida, da mais elevada invenção e imaginação.

LEIF OVE ANDSNES, OUTUBRO 2022

Alexander Vustin

(Moscovo, 1943 – Moscovo, 2020)

Lamento

—

COMPOSIÇÃO 1974

DURAÇÃO c. 4 min.

Alexander Vustin foi um dos compositores russos mais destacados da viragem para o século XXI, tendo falecido em 2020 no quadro da pandemia causada pela Covid-19. Os seus estudos de composição foram realizados com Grigory Frid, numa escola regional, e com Vladimir Ferè, no Conservatório de Moscovo. Após a sua graduação, trabalhou como editor musical na rádio russa e numa importante casa de partituras. As suas primeiras obras maduras datam de meados da década de 1970, e o próprio compositor apenas considerou válida a sua produção posterior a 1972, embora a sua atividade criativa remonte ao ano de 1963. Assumindo-se como crítica da orientação estética oficial do regime soviético, a sua linguagem musical sustenta-se numa abordagem *sui generis* à técnica dodecafónica, na qual o objeto da serialização não são sons individuais, mas antes fragmentos musicais, elaborados em diferentes permutações. Vustin parte habitualmente de ideias elementares para construir texturas sofisticadas, as quais no entanto não obscurecem o interesse da sua invenção melódica. A sua produção abarca a música

sinfónica, concertante, de câmara, instrumental e coral, todo um repertório que tem sido abordado por muitos dos principais intérpretes e *ensembles* da atualidade, surgindo regularmente na programação dos principais festivais internacionais.

O *Lamento* para piano data de 1974, e a sua génese decorreu, segundo o compositor, da intensa experiência emocional que viveu quando, na ocasião do funeral de um amigo próximo, observava um pássaro que cantou durante toda a cerimónia. Concebida originalmente para flauta e guitarra, a peça logo seria transcrita pelo próprio autor para piano a solo. A evocação de um canto fúnebre tem início nos registos médio e grave do instrumento, sendo baseado numa ideia rítmica que se repetirá incessantemente ao longo da marcha lenta e lúgubre. Este pano de fundo melancólico é pontuado no registo agudo com figurações ligeiras, interjeições líricas e expressivas reminiscentes do canto ornítico, como que fragmentos de uma ária dolente. Perto do final, as harmonias tornam-se mais cheias e intensas, e o canto fúnebre encerra surpreendentemente no modo maior.

Leoš Janáček

(Hukvaldy, 1854 – Ostrava, 1928)

Sonata para Piano 1.X.1905

COMPOSIÇÃO 1906

DURAÇÃO c. 13 min.

1. *Pressentimento: Con moto*

2. *Morte: Adagio*

Leoš Janáček é considerado um dos compositores de ópera mais originais do início do século XX, mas deixou também obra de qualidade no domínio da música coral e instrumental. A Sonata 1.X.1905, composta entre 1905 e 1906, esteve sujeita a várias vicissitudes. Estreada com o título “Na Rua, a 1 de Outubro de 1905”, ostentou na primeira edição o título “1 de Outubro de 1905”, e só depois se instalou o costume de a considerar uma sonata. O título original tem o aspeto do cabeçalho de um escrito, e de facto esta obra é, acima de tudo, um manifesto, tendo sido composta em reação a um acontecimento específico: a morte de um jovem checo no contexto da repressão, pela guarda imperial austro-húngara, de uma manifestação de estudantes a favor da fundação de uma universidade que ensinasse em checo. A obra seria estreada em Brno a 21 de janeiro de 1906. Descontente, Janáček resolveu destruir o seu 3.º andamento, uma monumental marcha fúnebre. Anos mais tarde, em 1924, reconciliou-se com a peça, publicando os dois primeiros andamentos. O 1.º andamento, *Con moto*, em Mi bemol menor, intitula-se “Pressentimento”.

O sombrio acorde inicial é seguido de uma melodia expressiva, perturbada por um motivo que introduz inquietação. Essa ansiedade intensifica-se e a música torna-se mais torturada, quando surge um novo tema, em Sol maior, mais luminoso. No desenvolvimento a música é dominada por um carácter atormentado, e na reexposição o 1.º tema surge ainda impregnado da angústia precedente, a qual se dissolve com a evocação do 2.º tema, num clima mais doce, em Lá bemol maior, mas acaba por impor-se novamente a melancolia de Mi bemol menor. O 2.º andamento, “Morte”, é um *Adagio* na mesma tonalidade. O pensamento antes torturado surge agora como um lamento fúnebre incessante, sujeito a surpreendentes alterações de cor, à medida que atravessa outras tonalidades. Depois da repetição da primeira parte, um acorde translúcido introduz a tonalidade de Lá maior. Entretanto, o registo grave inquieta-se com a evocação do tema do pressentimento. A tensão cresce e a música atinge o delírio. O lamento inicial é reafirmado e mais uma vez assume diferentes colorações antes de se dissolver no acorde final.

Valentin Silvestrov

(n. Kiev, 1937)

Bagatela, op. 1 n.º 3

—

COMPOSIÇÃO 2005

DURAÇÃO c. 5 min.

Valentin Silvestrov é uma das figuras mais destacadas da cultura ucraniana da atualidade. Natural de Kiev, realizou a sua formação musical inicial enquanto autodidata e em regime particular, antes de aprofundar os seus estudos no Conservatório de Kiev, entre 1958 e 1964, com Boris Lyatochinski (composição) e Levko Revutski (harmonia e contraponto). Em 1970 sediou a sua atividade composicional na sua cidade natal, que abandonaria em fevereiro de 2022, na sequência da invasão russa, para se estabelecer em Berlim. As pressões sofridas desde o início para conformar o seu estilo aos preceitos da estética oficial do regime – o realismo socialista – levaram-no a um afastamento do espaço público, e com efeito, durante muito tempo, a sua música seria mais conhecida no Ocidente do que no mundo soviético. A sua rejeição do vanguardismo no seu estilo inicial seria antes acompanhada do cultivo de uma linguagem que tem sido descrita como pós-moderna e neoclássica: denominada pelo próprio como “metamúsica” (o que associa ao pressuposto de uma linguagem universal), a sua arte recorre a dispositivos tradicionais do modalismo e do tonalismo,

nunca abdicando da centralidade da dimensão melódica. Após a queda da União Soviética, Silvestrov começou a dedicar-se à música de índole sacra, e também os elementos nacionalistas passaram a ser mais recorrentes. A sua aclamação internacional tem sido crescente, estando a sua música presente com frequência em festivais por todo o mundo.

Desde 2001, Silvestrov tem mostrado um interesse renovado pelas pequenas peças para piano, tendo composto, até ao momento, mais de 260 ciclos. Estas peças – prelúdios, poslúdios, valsas, berceuses, noturnos, barcarolas, pastorais, serenatas... – colocam no centro do interesse, numa alusão distante ao pianismo romântico, a melodia numa espécie de dueto com o silêncio, assim valorizando as pausas, a ressonância, as variações de dinâmica, de andamento e de timbre. A Bagatela op. 1 n.º 3 foi publicada em 2005, no âmbito de uma edição que colige cinco daqueles ciclos. Trata-se de uma peça de extrema simplicidade, que decorre numa atmosfera sempre sonhadora e introspetiva, constituindo como que uma meditação em torno da memória.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Sonata para Piano n.º 31, em Lá bemol maior, op. 110

COMPOSIÇÃO 1821

DURAÇÃO c. 23 min.

1. *Moderato cantabile molto espressivo*
2. *Scherzo: Allegro molto*
3. *Adagio ma non troppo – Fuga: Allegro ma non troppo*

O último período criativo de Ludwig van Beethoven é, em todos os sentidos, o mais complexo. Entre os traços estilísticos que marcam esta fase conta-se o desenvolvimento de um lirismo mais intenso e refinado, patente por exemplo na intimidade e na delicadeza características dos seus andamentos lentos, bem como no recurso frequente ao recitativo e ao arioso. É também evidente o seu novo interesse pela variação, que agora o leva a uma reinterpretação mais profunda e original do tema inicial, bem como o impulso arcaizante, manifesto no seu interesse pelo contraponto e pelo modalismo. Refira-se igualmente o desafio intelectual que representava para o compositor a reformulação do princípio da sonata (posto em causa por si próprio na fase anterior), processo em que integraria os aspetos referidos anteriormente.

A Sonata para Piano n.º 31, op. 110, foi composta entre agosto e dezembro de 1821, num dos períodos em que colocou temporariamente de lado o trabalho na *Missa solemnis*, sendo uma das três sonatas criadas em resposta a uma encomenda do

editor berlinense Adolf Schlesinger.

O primeiro andamento abre com uma melodia eloquente, cuja enunciação é realçada com as indicações *con amabilità* e *sanft* (suavemente), até que uma passagem de figurações cintilantes conduz a uma outra ideia suspirante. O desenvolvimento desenrola-se em torno da melodia inicial, e na recapitulação destaca-se uma surpreendente modulação enarmónica, antes de um encerramento intensamente expressivo. Segue-se um tempestuoso *scherzo* em Fá menor, que inclui uma secção central mais espirituosa. Por fim, o terceiro andamento inicia-se à maneira de um recitativo operático, o qual dá lugar a um dolente *arioso*, no mesmo andamento, em Lá bemol menor. Emerge uma tranquila fuga a três vozes, *Allegro ma non troppo*, em Lá bemol maior, por sua vez interrompida pelo regresso do *arioso*, no tempo original, mas agora em Sol menor e ainda mais pungente. A fuga surge de novo, em Sol maior, com o tema invertido, e depois da exploração de uma série de dispositivos da escrita fugada o contraponto dá lugar a um triunfante cântico de ação de graças.

Antonín Dvořák

(Nelahozeves, 1841 – Praga, 1904)

Impressões poéticas, op. 85

—

COMPOSIÇÃO 1889

DURAÇÃO c. 54 min.

1. *Caminho Noturno*
2. *Brincando*
3. *No Velho Castelo*
4. *Canção de Primavera*
5. *Balada Camponesa*
6. *Recordação*
7. *Furiant*
8. *Dança dos Duendes*
9. *Serenata*
10. *Bacanal*
11. *Cavaqueira*
12. *No Túmulo do Herói*
13. *Na Montanha Sagrada*

Antonín Dvořák assumiu-se como um dos mais destacados compositores checos de orientação nacionalista no século XIX, com uma música que foi por vezes minorizada como ingénua e espontânea, mas que de facto é marcada pela sua versatilidade e complexidade. Apesar de ser um pianista competente, nunca no seu percurso criativo a composição para piano assumiu uma importância análoga à da música orquestral e de câmara. A sua produção para esse instrumento consiste sobretudo em danças e peças de carácter, uma música agradável e atrativa, sem grande ambição técnica, marcada pela sua invenção melódica e rítmica, destacando-se o caso paradigmático das *Danças eslavas*. Mas a mais sofisticada

das suas composições para piano é talvez o ciclo *Poetické nálady* (*Impressões poéticas*), op. 85, que compôs entre abril e junho de 1889, tendo-o publicado no final desse ano em Berlim. Esta série de treze peças foi concebida com intuítos programáticos, segundo revelou o próprio compositor, e a sua escrita idiomática explora uma paleta alargada de cores, colocando consideráveis exigências técnicas.

O n.º 1, em Si menor, é dominado por um ambiente nostálgico com dois episódios contrastantes. O n.º 2, em Sol maior, exibe um carácter jocoso, e depois do quadro expressivo e misterioso apresentado pelo n.º 3, em Mi bemol maior, surge a atmosfera idílica do n.º 4, em Lá maior. O n.º 5, em Si bemol menor, é uma dança de acentuado carácter rítmico, e o n.º 6, em Si maior, é de um lirismo expressivo e dolente. A evocação dos ritmos do folclore checo regressa com o n.º 7, em Lá bemol menor, e a animação mantém-se no n.º 8, em Lá bemol maior. A canção de amor evocada no n.º 9, em Dó maior, contrasta com o virtuosismo selvático do n.º 10, em Dó menor. O n.º 11, em Fá maior, decorre numa atmosfera tranquila, e o n.º 12, em Fá menor, introduz um ambiente trágico. Por fim, o n.º 13, em Ré bemol maior, põe termo ao ciclo com um canto sereno, à maneira de um coral.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Leif Ove Andsnes

A irrepreensível técnica e as cativantes e exploratórias interpretações de Leif Ove Andsnes colocaram o pianista norueguês no topo do circuito internacional de concertos e recitais. Apresenta-se com regularidade nos mais importantes palcos e com as mais prestigiadas orquestras, tendo constituído, em simultâneo, uma relevante discografia. É diretor/fundador do Festival de Música de Câmara de Rosendal, na Noruega, foi codiretor artístico do Festival de Música de Câmara de Risør durante quase duas décadas, e diretor musical do Ojai Music Festival, na Califórnia. Foram-lhe atribuídos doutoramentos honorários pela Universidade de Bergen e pela Juilliard School of Music de Nova Iorque. Em 2022/23, interpreta o injustamente negligenciado ciclo *Impressões Poéticas* de Dvořák, num lançamento da Sony Classical e em recitais na Europa e na América do Norte. Em concerto, interpreta a *Fantaisie* de Debussy, com a Orquestra de Cleveland, a sua leitura do Concerto para Piano de Grieg, com a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a NDR Elbphilharmonie e a Filarmónica de Londres, e o 3.º Concerto para Piano de Rachmaninov, com a Filarmónica de Oslo e a Royal Scottish National Orchestra. Acompanha também o barítono Matthias Goerne num ciclo de recitais. Leif Ove Andsnes dá continuidade à sua parceria com a Mahler Chamber Orchestra no projeto *Mozart*

Momentum 1785/86, o qual explora um dos mais criativos e seminais períodos da carreira do compositor austríaco. Este projeto é a segunda parceria artística com a orquestra, no seguimento de *Beethoven Journey*, um foco sobre a música para piano e orquestra do compositor alemão, que se estendeu ao longo de quatro temporadas.

Leif Ove Andsnes grava em exclusivo para a Sony Classical. Foi nomeado onze vezes para os prémios *Grammy* e recebeu outras distinções internacionais, incluindo seis prémios *Gramophone*. A sua anterior discografia inclui mais de 30 gravações para a EMI Classics. Foi agraciado na Noruega com o título de Comendador da Real Ordem Norueguesa de Santo Olavo e com o prestigioso Prémio Peer Gynt, atribuído pelos membros do parlamento norueguês. Foi também distinguido com o *Instrumentalist Award*, da Royal Philharmonic Society, e com o *Gilmore Artist Award*, atribuído pelo Irving S. Gilmore Piano Festival (Kalamazoo, Michigan, EUA).

Leif Ove Andsnes nasceu em Karmøy, na Noruega, em 1970. Estudou inicialmente no Conservatório de Música de Bergen, com o professor checo Jirí Hlinka, e posteriormente com o professor belga Jacques de Tiège. Atualmente, é consultor artístico da Academia de Piano de Bergen.



17 nov 22

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

18 nov 22

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Don Giovanni Mozart / Saramago

Coro e Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro / Ideia original

Jean Paul Buchieri Encenação
/ Espaço cénico / Desenho de luz / Figurinos

com **André Baleiro, Nuno Dias,
Sónia Grané, Marco Alves dos Santos,
Susana Gaspar, José Fardilha,
Manuel Rebelo, Leonor Amaral
e Pedro Lacerda**

Don Giovanni segundo a obra
de José Saramago *Don Giovanni*
ou *O dissoluto absolvido*,
com música da ópera *Don Giovanni*
de W. A. Mozart

24 nov 22

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

25 nov 22

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Tchaikovsky e Chostakovitch

Orquestra Gulbenkian

Valentina Peleggi Maestra

Simone Lamsma Violino

Tchaikovsky, Chostakovitch



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

300 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Novembro 2022

